

**17º Congresso de Iniciação Científica****AS POSSIBILIDADES DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NARRATIVA:  
COMPREENDENDO OS PROCESSOS ALTERNATIVOS DE APRENDIZAGEM PARA OS ALUNOS  
QUE APRESENTAM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS****Autor(es)**

---

LUIZA MIRANDA JORGE

**Orientador(es)**

---

ANA PAULA DE FREITAS

**Apoio Financeiro**

---

FAPIC/UNIMEP

**1. Introdução**

---

Este estudo fundamentou-se teórica e metodologicamente na perspectiva histórico-cultural defendida por Vygotsky (1991, 1995, 2001). O autor se preocupou em compreender o desenvolvimento humano, inclusive o desenvolvimento de pessoas com algum tipo de deficiência. A esses estudos deu o nome de defectologia. Segundo ele, as leis gerais do desenvolvimento são iguais para todas as crianças, porém, é ressaltado que há peculiaridades na organização sociopsicológica da criança com deficiência e que seu desenvolvimento requer caminhos alternativos e recursos especiais e que estão ligadas à idéia de compensação.

O referido conceito é de grande valia nas práticas educativas, pelo fato de induzir o educador a reconhecer as potencialidades no quadro da deficiência, não visando puramente suas faltas ou fraquezas, todavia, reconhecendo-a como uma fonte de força, pois é da deficiência que surge a habilidade. Para o autor, a educação de crianças com algum tipo de alteração neurológica, deveria se basear no conhecimento de que agregado à deficiência está o potencial de superação/combativo da mesma, sendo assim, seu desenvolvimento batalha para sobrepujar a deficiência. Nesse sentido, a educação inclusiva deveria estar focalizada nessa tendência combativa, e usá-la como uma aliada no processo educativo, que associado a esse conhecimento buscaria novas perspectivas para o sujeito.

Ferreira e Ferreira (2004), Pires (2006), Padilha (2004), Laplane (2004), Góes (2004), Dainêz (2009) têm debatido a questão da inclusão. Estes autores compartilham a idéia de que garantir o processo de inclusão é de importância não só para os alunos com dificuldades para aprender como também para aqueles ditos “normais”. Entretanto, a escola não deve simplificar o ensino oferecendo uma “pedagogia menor” que exija menos das crianças, deve desenvolver um plano de ensino que vise o máximo de desenvolvimento do aluno com deficiência e que vise suas potencialidades.

Como já mencionado, o presente trabalho focaliza seu interesse nas possibilidades de desenvolvimento da linguagem oral, especialmente, a narrativa, de alunos com necessidades especiais.

Sobre o desenvolvimento da linguagem narrativa, Perroni (1992) aponta a importância dessa esfera da linguagem para o desenvolvimento lingüístico da criança como um todo e indica que a interpretação do outro é uma estratégia que auxiliará a criança na elaboração de hipóteses sobre o narrar.

Panhoca (2002) investigando a inter-relação entre o desenvolvimento da leitura e da escrita e das narrativas, aponta que as leituras de histórias são entendidas como atividades dialógicas-conversacionais, que incluem a leitura enquanto “ato de ler” e acrescentam a ela outras situações e possibilidades de reflexão e aprendizado. Portanto, as atividades narrativas são de extrema importância no processo

de construção da linguagem.

Na área fonoaudiológica há autores que se preocuparam em compreender o desenvolvimento da narratividade em crianças com necessidades especiais. Freitas (1996, 2001), Massi (2001), Oliveira e Camargo (2009) discutem a importância do papel do outro no processo de mediação. Evidenciam que a atividade envolvendo produção conjunta de textos narrativos torna-se fundamental para que o processo de construção da linguagem narrativa possa ocorrer. Desta forma, os educadores e pares são interlocutores que por meio da significação, possibilitam que a criança se aproprie dos significados como mecanismos de linguagem.

De acordo com o Ministério da Educação - MEC, a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. E está previsto na legislação que a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando (lei nº9.394 de 1996).

Deste modo, o MEC elaborou em 1998, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, com o objetivo de auxiliar os professores na realização de seu trabalho educativo junto às crianças pequenas. O documento é composto de 3 volumes. O enfoque dado ao presente estudo está no conteúdo do terceiro volume, que ressalta a importância da conversa entre professor e a criança e propõe algumas orientações didáticas que devem ser inseridas no contexto escolar. Propõe, por meio do conto de experiências diversificadas, inserir usos da linguagem oral, permitindo ao aluno apropriar-se do desenvolvimento da mesma.

## **2. Objetivos**

---

Investigar em crianças que apresentam necessidades educacionais especiais, o desenvolvimento da linguagem oral, com enfoque para os indícios das possibilidades de narrativa, conforme proposto no documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) e, sobretudo compreender, como ocorrem as adaptações curriculares ou busca de processos alternativos de aprendizagem para esses alunos.

## **3. Desenvolvimento**

---

O sujeito-alvo foi uma única criança, pois a natureza do objeto a ser estudado são os indícios do processo do desenvolvimento da narrativa, como já estudado por Pino (2005).

O sujeito é S., uma menina com 5 anos de idade no início do estudo. Ela apresenta Atraso de Linguagem em decorrência do diagnóstico de Paralisia Cerebral (Encefalopatia Crônica Infantil).

Este estudo foi realizado na Escola Municipal de Educação Infantil em que S. está regularmente matriculada, sendo que a escola é pertencente a um município do interior do estado de São Paulo. Também foi observado o contexto da Sala de Apoio Transitório (SAT) freqüentada por S. duas vezes por semana no período da tarde.

A construção de dados ocorreu por meio de filmagens, os dados foram coletados semanalmente, entre agosto de 2008 a junho de 2009 e foram organizados em episódios de maneira a explicar a situação de forma detalhada, para proporcionar ao leitor uma considerável compreensão dos processos.

## **4. Resultado e Discussão**

---

A análise dos dados mostrou que como previsto pelo documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) ocorre o trabalho com a narrativa por meio do conto de histórias infantis tanto na escola como na SAT. Este documento diz que o professor pode fazer uso do conto de experiências diversificadas para trabalhar o desenvolvimento da narrativa e cabe uma abertura para situações de diálogo, sendo este de grande valia para o desenvolvimento da linguagem narrativa. Nos episódios analisados, durante as atividades com histórias infantis surgiram situações de relatos das crianças, contudo, esses momentos os quais poderiam ter sido aproveitados para o desenvolvimento de linguagem, foram interrompidos pela professora, que acabou por não abrir espaço para o narrar das crianças. Freitas (1996, 2001) argumenta a favor de uma participação dos educadores no sentido de propiciarem momentos de construção conjunta de situações narrativas e em buscar incentivar a participação dos alunos.

S. participa destes momentos apontando e nomeando algumas gravuras do livro de histórias que está sendo lido pela professora. Compreende-se que a professora busca por meio da estratégia de questionamentos e a exposição de gravuras, explorar os caminhos

alternativos de aprendizagem de S., porém pelo que se nota, essa estratégia parece não estar sendo suficiente para que ocorra o desenvolvimento da linguagem oral do sujeito, sendo necessária a busca por outros meios. Observa-se a educadora simplificando a atividade que está sendo desenvolvida ou exigindo menos das crianças que apresentam dificuldades, desta forma, a escola deixa de buscar estratégias para a promoção do desenvolvimento de todas as crianças, de acordo com suas potencialidades.

Entretanto, quando o professor está atento aos olhares e expressões de S., esta demonstra mais atenção à história narrada. Portanto, tais fatores se forem aproveitados pelo educador podem ser estratégias auxiliares na constituição do diálogo. Massi (2001) ao estudar uma criança portadora de Paralisia Cerebral no seu processo de desenvolvimento lingüístico com enfoque na construção narrativa, aponta que as percepções e movimentos (gestos) são apoios da criança na construção da narrativa. Sendo assim, cabe aos educadores estarem sempre ressignificando os gestos e vocalizações para que S. participe das interações dialógicas.

Já os educadores da SAT, ao narrarem a história, procuram chamar a atenção dos alunos utilizando bonecos e outros brinquedos relacionados à narrativa, contudo, nota-se ainda pouca participação dos alunos. S., a criança observada neste estudo, permanece muitas vezes dispersa.

Tanto o educador da SAT como da escola buscaram algumas estratégias considerando uma procura por caminhos alternativos de aprendizagem. Entretanto, esses recursos não estão sendo suficientes para o desenvolvimento da linguagem narrativa e nem da inserção de S. numa interação dialógica. Os educadores enfatizam a simplificação da atividade com narrativa, como recursos alternativos.

## 5. Considerações Finais

---

Como já mencionado, neste estudo o objetivo foi a investigação do desenvolvimento da linguagem oral, com enfoque para os indícios das possibilidades de narrativa, conforme proposto no documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) e, sobretudo, compreender como ocorrem as adaptações curriculares ou busca de processos alternativos de aprendizagem para alunos que apresentam necessidades educacionais especiais. De acordo com os dados apresentados, observou-se que ocorre o trabalho com a narrativa por meio do conto de histórias.

O referido documento diz que o professor pode fazer uso do conto de experiências diversificadas para trabalhar o desenvolvimento da narrativa. Entretanto, neste estudo, ao serem observados diferentes episódios envolvendo atividades com narrativa, notam-se indícios de que há poucos momentos em que os educadores valorizam as situações de interlocução conjunta. Deste modo, a criança passa a ter poucas oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem que podem ocorrer durante a interação com pares mais capazes.

Foi possível compreender que os educadores (tanto da sala regular como da SAT) buscam processos alternativos para a aprendizagem por meio de mostrar figuras do livro para a criança, solicitar que a criança as nomeie ou dar o modelo para que a criança repita o nome adequadamente. Tais recursos mostram mais uma tentativa de simplificação de tarefas, com vistas para as funções elementares, do que uma ênfase nas possibilidades de funcionamento mental superior.

Percebe-se também que na SAT as educadoras buscaram outros recursos, além do livro de histórias, para auxiliar o narrar das crianças com necessidades especiais (uso da ampliação do material, uso do boneco de madeira). Contudo, existem alguns fatores que ainda se assemelham à sala de ensino regular, tais como, o papel das auxiliares na SAT se assemelha em muito ao da monitora no ensino regular, em apenas cuidar dos alunos com necessidades especiais e não em auxiliá-los na busca da superação de suas dificuldades.

Assim, concluiu-se que as atividades com narrativa fazem parte dos conteúdos trabalhados com crianças com necessidades especiais na escola regular e também na sala de apoio. Com relação à busca por caminhos alternativos de aprendizagem necessita-se uma melhor compreensão por parte dos educadores do que seriam esses caminhos. Ressalta-se aqui a importância de pesquisadores com interesse na temática da educação inclusiva desenvolverem estudos com esta finalidade.

## Referências Bibliográficas

---

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.

DAINÉZ, Débora. **A inclusão escolar de crianças com deficiência mental: focalizando a noção de compensação na abordagem histórico-cultural**. 2009. 148f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.

FERREIRA, Maria Cecília Carareto; FERREIRA, Júlio Romero. Sobre Inclusão, Políticas Públicas e Práticas Pedagógicas. In:

GÓES, Maria Cecília Rafael De; LAPLANE, Adriana. Lia F. (Orgs). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. Campinas: Autores Associados, 2004.

FREITAS, Ana Paula de. **A Construção de Narrativa por Adolescentes com Síndrome de Down: Um Estudo da Dinâmica Interativa em Sala de Aula**. 1996. 134f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 1996.

FREITAS, Ana Paula de. A produção narrativa em casos de Síndrome de Down: Um estudo da dinâmica interativa entre educadores e pares. In: LACERDA, Cristina Bróglia F. de; PANHOCA, Ivone (Org.). **Tempo de Fonoaudiologia**. Taubaté: Cabral, 2001.

GÓES, Maria Cecília Rafael De. Desafios da Inclusão de Alunos Especiais: a escolarização do aprendiz e sua constituição como pessoa. In: GÓES, Maria Cecília Rafael De; LAPLANE, Adriana. Lia F. (Orgs). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. Campinas: Autores Associados, 2004.

LAPLANE, Adriana Lia F. de. Notas para uma análise dos discursos sobre inclusão escolar. In: GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia F. de. (Orgs). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 05-20.

MASSI, Gisele. A. A. **Linguagem e paralisia cerebral: Um estudo de caso do desenvolvimento da narrativa**. Curitiba: Editora Maio, 2001, p.120.

OLIVEIRA, G. Letícia; CAMARGO, Evani A. Amaral. Linguagem narrativa e inclusão no espaço educacional. Universidade Federal de São Carlos: **PÓS-CONGRESSO IV CBMEE**, 2009 (no prelo).

PADILHA, Ana Maria Lunardi. O que fazer para não excluir Davi, Hilda, Diogo... . In: GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia F. de (Org.). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 95-120.

PANHOCA, Ivone. A construção da leitura e da escrita a partir das narrativas orais dos contos de fadas. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; HARRISON, Kathryn Marie P.; CAMPOS, Sandra Regina L. de; TESKE, Ottmar (Org.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

PERRONI, Maria Cecília. **O desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PIRES, Gláucia Nascimento da Luz. O cotidiano escolar na escola inclusiva. In: MARTINS, Lúcia A. Ramos et al (Org.). **Inclusão: Compartilhando Saberes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 106-121.

PINO, Angel. **As marcas do humano. As origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev.S.Vigotski**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

VYGOTSKY, Lev. Semynovytch. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_ **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_ **Obras Completas: Fundamentos de Defectologia**. Cuba: Pueblo Y Educación, 1995.